

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E  
ANÁLISE EXISTENCIAL

Stéfany Isabela Ferreira Camelo

**A INTIMIDADE NAS RELAÇÕES AFETIVAS NA CONTEMPORANEIDADE**

BELO HORIZONTE

2020

Stéfany Isabela Ferreira Camelo

**A INTIMIDADE NAS RELAÇÕES AFETIVAS NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Maria Madalena Magnabosco

BELO HORIZONTE

2020

150  
C181i  
2020

Camelo, Stéfany Isabela Ferreira.

A intimidade nas relações afetivas na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Stéfany Isabela Ferreira Camelo. - 2020.

1 recurso online (52 f. ) : pdf.

Orientadora: Maria Madalena Magnabosco.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Afeto (Psicologia) . 2.Relacoes humanas. 3.Intimidade (Psicologia) . I. Magnabosco, Maria Madalena. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA:  
GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

### **FOLHA DE APROVAÇÃO**

“INTIMIDADE NAS RELAÇÕES AFETIVAS NA CONTEMPORANEIDADE.”

**STÉFANY ISABELA FERREIRA CAMELO**

monografia defendida e aprovada, no dia **vinte e oito de outubro de 2020**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

**Ms. Maria Madalena Magnabosco**

Orientadora/Externa

**Dr. José Paulo Giovanetti**

UFMG

Belo Horizonte, 27 de setembro de 2021.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Subcoordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Goncalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 27/09/2021, às 18:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, Professor do Magistério Superior**, em 27/09/2021, às 20:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0988856** e o código CRC **A0E5C097**.

*A meus pais,  
pelo incentivo e carinho nessa trajetória.*

*A felicidade só é real quando compartilhada.*

(INTO THE WILD, 2007).

## RESUMO

Durante sua trajetória existencial o homem é convidado a vivenciar o amor através das relações afetivas, sendo este um horizonte constantemente almejado por ele. Enquanto ser-no-mundo sua existência é compreendida apenas na coexistência com o outro, fazendo do desejo pela realização amorosa própria da condição humana. É na relação que o ser se configura e se constitui, afetando e sendo afetado pelo outro de maneira única e singular. À vista disso, a intimidade revela-se como um construto importante a ser desenvolvido na relação, uma vez que proporciona o crescimento tanto individual como coletivo dos envolvidos. Nessa perspectiva o presente estudo tem como propósito investigar e compreender como se configuram os relacionamentos amorosos contemporâneos influenciados pela modernidade líquida. Para alcançar esse objetivo foi realizado um levantamento bibliográfico através do Portal do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais, sendo selecionadas obras que caracterizavam e descreviam a contemporaneidade, assim como, os relacionamentos afetivos atuais. O estudo revelou que a sociedade contemporânea encontra-se sob o domínio de um sistema capitalista tecnológico de alta velocidade, que valoriza a individualidade, instantaneidade e a atividade consumista. Observou-se que a lógica mercantilista foi transferida para os relacionamentos humanos, no qual o homem perde seu posto de sujeito e assume o papel de objeto intermediário para a satisfação dos propósitos individuais. Além disso, foi constatado que o novo modelo cultural de intimidade sexual e afetiva foi fortemente influenciado por movimentos sociais da década de 1960, que diz respeito ao feminismo e a revolução sexual. A experiência de intimidade foi modificada a partir dos novos padrões de igualdade estabelecida entre os parceiros envolvidos na relação e a emancipação da mulher na sociedade moderna. Os desdobramentos apontam que no processo de “liquefação” da sociedade contemporânea os relacionamentos são marcados pela igualdade sexual e de gênero, fragilidade dos vínculos afetivos e ausência de compromisso entre os envolvidos. Tendo em vista os aspectos abordados, o estabelecimento de uma relação afetiva sustentável e saudável na atualidade representa um desafio, entretanto é preciso ter consciência que o relacionamento corresponde uma caminhada com obstáculos, com tentativas e erros, uma experimentação contínua, uma eterna abertura ao outro, capaz de conduzir a uma terra de conhecimento.

**Palavras Chave:** Contemporaneidade; modernidade líquida; relação; intimidade.



## ABSTRACT

During his existential trajectory, man is invited to experience love through affective relationships, which is a horizon constantly sought by him. As a being-in-the-world his existence is understood only in the coexistence with the other, making the desire for loving fulfillment proper to the human condition. It is in the relationship that the being is configured and constituted, affecting and being affected by the other in a unique and singular way. In view of this, intimacy is revealed as an important construct to be developed in the relationship, since it provides both individual and collective growth for those involved. In this perspective, this study aims to investigate and understand how contemporary love relationships shaped by liquid modernity are configured. To achieve this objective, a bibliographic survey was carried out through the Federal University of Minas Gerais's Library System Portal, selecting works that characterized and described contemporary times, as well as current affective relationships. The study revealed that contemporary society is under the control of a high-speed technological capitalist system, which values individuality, immediacy and consumerist activity. It was observed that the mercantilist logic was transferred to human relationships, in which man loses his post as a subject and assumes the role of an intermediate object for the satisfaction of individual purposes. In addition, it was found that the new cultural model of sexual and affective intimacy was strongly influenced by social movements of the 1960s, which concern feminism and the sexual revolution. The experience of intimacy was modified from the new standards of equality established between the partners involved in the relationship and the emancipation of women in modern society. The developments point out that in the "liquefaction" process of contemporary society, relationships are marked by sexual and gender equality, fragility of affective bonds and lack of commitment between those involved. Bearing in mind the aspects addressed, the establishment of a sustainable and healthy affective relationship today represents a challenge, however it is necessary to be aware that the relationship corresponds to a walk with obstacles, with trials and errors, continuous experimentation, an eternal openness to the other, able to lead to a land of knowledge.

**Keywords:** Contemporaneity; liquid modernity; relationship; intimacy.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2 O MUNDO CONTEMPORÂNEO: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO LÍQUIDO .....</b>	<b>09</b>
<b>2.1 O desenvolvimento da modernidade líquida.....</b>	<b>09</b>
<b>2.2 A sociedade do consumo e a objetificação do homem .....</b>	<b>12</b>
<b>3 AS DIVERSAS FACETAS DA RELAÇÃO AFETIVA .....</b>	<b>17</b>
<b>3.1 A dimensão relacional do homem .....</b>	<b>17</b>
<b>3.2 Afetividade .....</b>	<b>21</b>
<b>3.3 Intimidade .....</b>	<b>24</b>
<b>4 A INTIMIDADE NAS RELAÇÕES AFETIVAS NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>28</b>
<b>4.1 As transformações da intimidade.....</b>	<b>28</b>
<b>4.2 Dos prazeres do convívio aos horrores da clausura do compromisso .....</b>	<b>33</b>
<i>4.2.1 O relacionamento contemporâneo: que seja eterno enquanto dure .....</i>	<i>33</i>
<i>4.2.2 O romance está na rede.....</i>	<i>37</i>
<b>4.3 O relacionamento íntimo.....</b>	<b>41</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

O relacionamento amoroso sempre foi um horizonte constantemente almejado e buscado pelas pessoas. Somos cercados pela presença do ideal romântico, seja através dos poemas e cartas, ou pelos enredos de filmes e novelas que buscam concretizar o amor através das telas.

O desejo que é despertado no homem em compartilhar a existência com o outro, isto é, o desejo pela amorosidade, é próprio da condição humana. O homem constitui-se como um ser-com, de maneira que sua existência é concebida apenas por via da relação com o outro. (GIOVANETTI, 2017a; HEIDEGGER, 2005). O poeta inglês John Donne, notável por sua linguagem poética condensada de emoção, enfatiza que:

Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; cada ser humano é uma parte do continente, uma parte de um todo. Se um torrão de terra for levado pelas águas até o mar, a Europa ficará diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não pergunte por quem os sinos doam; eles doam por ti. (DONNE, 2007, p.102-105).

O homem é antropologicamente existente a partir da integridade de uma relação com o outro, de maneira que essa conexão nos possibilita sermos tocados pela sua presença (BUBER, 1982), função essencial desempenhada pela afetividade. Sendo assim, o ser ao se configurar na relação, se torna capaz de obter recursos para se desenvolver, de maneira que quanto melhor for a qualidade relacional estabelecida com o outro maior será sua evolução.

Nesse sentido, Cardella (2009, p. 86-87) destaca que “A presença do amor na vida de uma pessoa sinaliza que ela direcionou sua existência na sua realização como ser humano. Uma vida sem amor revela adoecimento, pois a condição humana original está impedida de se realizar.” Isto quer dizer que é através da experiência amorosa que se torna possível vivenciar laços significativos através da intimidade com o outro.

O mundo, assim como o ser humano, está em constante processo de mudança, sendo que as transformações contemporâneas, fruto da modernidade líquida (BAUMAN, 2001), foram essenciais para uma série de rupturas na vida do homem. A dinâmica estabelecida, que

prioriza o ritmo acelerado dos processos, a valorização da atividade consumista e do individualismo, a depreciação do durável e a objetificação do homem, resultou em novos tipos de sofrimento e angústias, principalmente no que concerne ao relacionamento interpessoal.

A modernidade trouxe incertezas à relação amorosa, fazendo com que seja tendência o estabelecimento de vínculos cada vez mais frouxos e efêmeros. Para Cardella (2009, p.34) “A impossibilidade de estabelecer vínculos afetivos é fonte de grande sofrimento psíquico e de uma desesperança que se revela nas diferentes formas de adoecer características de nosso tempo”. Diante deste cenário o objetivo deste trabalho é compreender como a contemporaneidade impacta no desenvolvimento de novas formas de relacionamentos afetivos e no desenvolvimento da intimidade entre os amantes.

## 2 O MUNDO CONTEMPORÂNEO: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO LÍQUIDO

### 2.1 Desenvolvimento da modernidade líquida

A sociedade contemporânea vive uma fase de intensas e aceleradas transformações que impactam o modo de viver do homem, principalmente quanto à concepção de identidade e a forma de se relacionar com o outro, fruto de um processo denominado modernidade. Na literatura há certa dificuldade entre os estudiosos quanto ao consenso do termo mais apropriado capaz de definir o período atual. Entre eles, os mais usados são Modernidade tardia (GIDDENS, 1991), Hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004) e Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001), que será utilizado como referência para este trabalho.

Segundo Bauman (2001), toda a modernidade é especializada no derretimento de sólidos, que estão relacionados às estruturas políticas, sociais e econômicas da sociedade. Esta sociedade da então denominada modernidade “sólida” demonstrava insatisfação com a consistência dos sólidos pré-modernos existentes, uma vez que estes foram encontrados em estado avançado de desintegração ocasionando a preocupação em derretê-los, permitindo que novos aperfeiçoados e duradouros sólidos fossem criados e instalados possibilitando a administração de um mundo previsível.

A partir do desejo de implantação de uma nova ordem dois eventos representaram um marco neste processo. O primeiro corresponde à Revolução Industrial, que teve início com a industrialização na Grã-Bretanha por volta de 1760, fruto de uma revolução técnico-científica, responsável em instaurar uma nova organização de trabalho, provocando mudanças sociais, ambientais e econômicas que aceleraram e consolidaram o capitalismo. O segundo evento se refere à Revolução Francesa, em 1789, que provocou uma ruptura com a estrutura social e política do antigo regime e lançou as bases da organização do Estado e da política moderna, instaurando o paradigma da racionalidade. Este paradigma tem início com os iluministas, que acreditavam que somente a “luz” (uso da razão) poderia libertá-los contra as “trevas” (antigo regime). Sendo assim, o uso da racionalidade permitiria que os homens atingissem o progresso, instaurando uma nova ordem no mundo baseada em uma ampla reforma social. Neste momento, o poder divino é substituído pela razão, fundamentada pela crença do homem

ser capaz de pensar por si mesmo, sem a tutela da religião ou da ideologia, possibilitando que este fosse visto como dominador e transformador da natureza, assim como de seu destino.

Desta forma, o derretimento dos sólidos, como as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações, possibilitou uma “[...] progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais.” (BAUMAN, 2001, p.10), consolidando um novo modelo de sociedade, com sólidos mais estruturados e duradouros, principalmente em termos econômicos.

Entretanto na segunda metade do século XX houve o colapso gradual e o rápido declínio da antiga modernidade. Diante de um novo cenário mundial provocado por fenômenos como a globalização, individualização e o grande avanço das tecnologias da comunicação, o conceito de “derretimento de sólidos” adquiriu um novo sentido, dando início ao processo de “[...] redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento” da modernidade” (BAUMAN, 2001, p.13). De maneira que as estruturas não são mais sólidas, e sim líquidas.

A liquidez proposta por Bauman (2001), como principal metáfora para o estágio presente da história da modernidade, surge da qualidade notável dos líquidos serem fluídos, portanto, não mantêm uma forma definida, estão em continua transformação, e devido à alta mobilidade são capazes de atingir e penetrar espaços antes inacessíveis. Enquanto os sólidos são caracterizados por apresentarem dimensões espaciais definidas, além de serem estáveis e duradouros.

O capitalismo é um exemplo deste fenômeno. O fordismo, modelo de produção industrial criado por Henry Ford em 1914, representou a autoconsciência da sociedade em sua fase pesada, volumosa, onde as fronteiras eram sua principal estratégia para manterem-se sólidas (BAUMAN, 2001). Na era do “capitalismo pesado” a ordem era difundida como regra e a desordem uma exceção, assim como no “discurso de Joshua” (THRIFT, 1995 apud BAUMAN, 2001), em que o mundo é apresentado como um lugar rigidamente controlado, onde tudo deveria ter um propósito, caso contrário determinada ideia ou objeto deveria ser descartado.

Em oposição, o “discurso de Gênesis” (THRIFT, 1995 apud BAUMAN, 2001) reflete a transformação do “capitalismo pesado” para o “capitalismo leve”, no qual a desordem aparece como regra e a ordem, uma exceção. É importante destacar que ordem, neste caso,

expressa à ideia de monotonia, estabilidade e previsibilidade, ou melhor, tudo que a “Era Líquida” estava lutando contra (BAUMAN, 2001). Na era do capitalismo leve, o capital não se encontra fixado ao solo, e sim, viaja leve oferecendo um mundo de possibilidades, aparentemente, infinitas, de maneira que tudo tem caráter temporário e fluído, permitindo o sentimento de liberdade para se mover. Bauman (2001, p.23) afirma que o “sentir-se livre” “[...] significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis.”.

Todo dinamismo provocado pela sociedade líquido-moderna teve, também, grande impacto na percepção que o homem tem do tempo e do espaço, dois construtos sociais importantes que estruturam e organizam o ser-no-mundo. Para Bauman (2001):

A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação; quando deixam de ser como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca. (BAUMAN, 2001, p. 15).

O progresso tecnocientífico possibilitou a aceleração do tempo, de maneira a criar uma cultura imediatista, onde o termo longo prazo é abolido do vocabulário, resultando a ideia de que todas nossas necessidades e desejos devem ser atendidos de maneira quase instantânea. Em razão disso a realidade é ditada pela alta “[...] velocidade atordoante da circulação, da reciclagem, do envelhecimento, do entulho e da substituição que traz lucro hoje – não a durabilidade e confiabilidade do produto.” (BAUMAN, 2001, p.21).

Percebe-se que a noção de tempo deixa de ser linear e se torna fragmentada. Desta forma, o passado se apresenta como irrelevante e quase insignificante acessá-lo por não poder ser mais alterado, ao passo que o futuro expressa a ideia de estar muito distante e incerto, principalmente em um mundo onde tudo se altera e pouco se mantém, planejar pode se tornar um desperdício de tempo. Enquanto isso, na era “Não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje” o presente ganha notoriedade, de maneira que é alargado e sobrecarregado, uma vez que tudo deve ser feito ao mesmo tempo e tornando os integrantes dessa sociedade cada vez mais atarefados e estressados.

Na mesma proporção a queda da barreira espacial demonstra que “As distâncias já não importam, ao passo que uma ideia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no ‘mundo real’.” (BAUMAN, 1999, p. 19). A diferença entre o que é “perto” e “longe” perde sentido no mundo extraterritorial, já que não há a imposição de limites, permitindo uma viagem à velocidade da luz a partir dos sinais emitidos pelos aparelhos eletrônicos. Bauman (2001, p.22) reitera a importância do caráter líquido da modernidade para que ela não perca sua leveza ao dizer: “Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado.”.

A qualidade de liquidez da modernidade invade a existência do homem de tal maneira a deixar claro que a vida líquida representa o retrato fiel do ser contemporâneo. De acordo com Bauman (2007, p.8), este tipo de vida diz respeito à “[...] uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante.”, já que nessa fluidez irregular o homem abre mão da sua qualidade de ser quem é para ter o que quiser temporariamente, tornando a existência cada vez mais efêmera e vazia. A nova forma de vida representa um obstáculo para a consolidação de hábitos, rotinas e relacionamentos, demonstrando uma superficialidade das formas de agir e pensar do homem.

## **2.2 A sociedade do consumo e a objetificação do homem**

Neste contexto de fluidez e instantaneidade, tendo em vista o contínuo aprimoramento da atividade econômica capitalista, o ato de consumir assume a força motora dominante da sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2007). Consumir está ligado à prática de investir na afiliação social de si própria, tornando uma mercadoria atrativa de modo a elevar sua posição para vendável com o objetivo do indivíduo obter a sensação de pertencimento. Isto quer dizer que o processo de comercialização tem a finalidade de incitar nas pessoas o sentimento de fazer parte de uma comunidade (BAUMAN, 2001; 2008).

Na sociedade dos consumidores o propósito primordial é a promessa da satisfação dos desejos de seus membros. A atratividade desta promessa mantém-se apenas enquanto os desejos permanecerem insatisfeitos e uma das formas “[...] de causar esse efeito é depreciar e



desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido alçados ao universo dos desejos do consumidor.” (BAUMAN, 2007, p. 106). Por ser uma entidade muito mais volátil e efêmera que as necessidades, guia de consumo na sociedade de produtores, o desejo não exige uma justificativa ou motivo para ser realizado resultando em uma busca permanente de satisfação inesgotável de maneira a manter a economia alimentada (BAUMAN, 2008).

Segundo Bauman (2008) a sociedade dos consumidores originou-se da Revolução Consumista, onde o *spiritus movens* da atividade consumista deixou de ser o conjunto mensurável de necessidades articuladas e passou a ser o desejo. Na sociedade de produtores a satisfação das necessidades era o almejado, momento em que se vivia a fase “sólida” da sociedade, tendo como preceito a durabilidade dos bens para garantir a segurança de um futuro estável. Na fase “líquida” o futuro representa um tempo distante, a atenção está direcionada exclusivamente para o presente tendo a predominância do hedonismo instantâneo. A vida passa a ser um processo constante de atualização, pelo fato da tendência de hoje ser o ultrapassado de amanhã. E diante da insatisfação do consumidor o lixo é destino final de toda ação de consumo. Em suma, o autor afirma que:

A percepção da ordem das coisas na atual sociedade de consumo é diametralmente oposta à que era característica da agora já ultrapassada sociedade de produtores. Então, era a parte útil, extraída de matérias-primas adequadamente reprocessadas, que deveria ser sólida e permanente, enquanto os restos e dejetos redundantes eram destinados à remoção e ao esquecimento instantâneo. Agora é a vez de as partes úteis terem vida curta, volátil e efêmera, a fim de abrir caminho para a próxima geração de produtos úteis. Só o lixo tende a ser (infelizmente) sólido e durável. "Solidez" agora é sinônimo de "lixo". (BAUMAN, 2007, p.117-118).

Rotular a sociedade como dos consumidores não é meramente dizer sobre seu interesse em consumir objetos de desejos, mas é, na realidade, investir demasiado tempo e esforço na prática, de maneira a ter sua existência em prol disso, visto que “[...] a ação de escolher é mais importante que a coisa escolhida” (BAUMAN, 2007, p.103). Surge, então, a “síndrome consumista” (BAUMAN, 2007), que orienta nossa percepção e comportamento, nos modelando e remodelando a partir da conveniência do mercado, como se o homem assumisse o papel de um boneco articulado controlado por fios definidos pela alta velocidade, excesso e desperdício. A regra ditada nessa sociedade é tornar o desejo uma compulsão, de modo que o comprar simboliza a solução dos problemas e um alívio, mesmo que temporário, para a ansiedade do dia-a-dia.

Outro motivo que estimula o engajamento consumista é a possibilidade do indivíduo se destacar na massa, que significa sair da condição de invisível para ser “alguém”. A peculiaridade dessa sociedade está na reconstrução das relações sociais baseadas na relação entre o consumidor e o objeto de consumo, que é visto para além da sobrevivência física, isto é, este representa um tipo de arranjo que estrutura e organiza a vida social dos indivíduos de maneira a ter papel fundamental na formação da identidade individual (BAUMAN, 2008).

Nesse movimento as pessoas são incentivadas a promover um produto atraente e desejável, que diz respeito a elas mesmas. O homem torna apenas mais um objeto de consumo na prateleira, assumindo um valor de mercadoria para o sujeito que deseja. Bauman (2008) enfatiza que:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. (BAUMAN, 2008, p. 20).

A busca pela identidade torna-se uma conquista da síndrome do consumo, à medida que a vida líquida se alimenta da insatisfação do eu consigo mesmo. O indivíduo situa-se em um campo minado, onde a indecisão toma conta de seu ser frente ao melhor padrão a escolher dentre os inúmeros em oferta para no fim comercializa-se. A lógica é realizar uma reciclagem identitária, isto quer dizer que o valorizado na sociedade líquido-moderna é o homem “camaleão”, ou seja, aquele capaz de ser flexível e adaptável em seu modo de ser de acordo com o ambiente e com as pessoas que o circundam. Esse fenômeno demonstra a inconsistência do homem moderno líquido, à medida que se transforma com frequência de acordo com a necessidade, apresentando dificuldade na estruturação de uma identidade estável e durável.

É possível observar que da mesma maneira que o consumo na sociedade caminha em direção a comodificação ou recomodificação do consumidor (BAUMAN, 2008), que corresponde ao processo de transformação da condição do consumidor em mercadoria vendável, as relações humanas e a forma como os vínculos são estabelecidos também seguem o mesmo caminho, se tornando mais uma conquista da síndrome do consumo.

O desengajamento e desapego revelam-se como os principais valores instituídos no mundo líquido-moderno, fazendo com que surja no homem o desejo conflitante em estreitar os laços com o outro, mas ao mesmo tempo alargá-los. Esse paradoxo acontece pelo fato do compromisso sólido e durável ser compreendido pela sociedade como a maior armadilha a ser evitada, pois engajamento é sinônimo de assumir maiores riscos. Além de dizer respeito a um empreendimento de alto investimento por demandar maior manutenção quanto maior for sua duração. Para evitar toda essa complexidade que um relacionamento demanda a ideia é que “[...] é preciso diluir as relações para que se possa consumi-las.” (BAUMAN, 2004, p.10).

O mercado comercial entra em cena com o objetivo de desempenhar a função de intermediário na consolidação e ruptura das relações interpessoais, sendo assim estas não são mais estruturadas a partir de afinidade e identificação, mas na satisfação dos desejos do indivíduo, sendo que o outro deve se enquadrar no desejo de objeto de consumo pré-estabelecido pelo mercado. E caso a promessa de satisfação não seja alcançada há sempre a opção de um desfecho rápido e radical para os produtos desgastados, ou melhor dizendo, para os relacionamentos desagradáveis.

O desenvolvimento e a adesão de inovações tecnológicas oriundas da Terceira Revolução Industrial, ou como mais conhecida, a Era Digital, revolucionaram o mundo e principalmente os relacionamentos interpessoais. Todos os avanços e recursos que surgiram permitiram mais conforto e agilidade às nossas vidas. A criação do mundo online, originado pela internet, além de abrir espaço para a potencialização do fluxo informacional mundial, gerou uma ferramenta que permite realizar conexões com outros seres humanos, sem conhecê-los previamente, a partir da digitalização de mensagens escritas, imagens e vídeos nas redes sociais.

Com a instalação do mundo em nossas mãos através dos celulares, observa-se a crescente necessidade das pessoas em expor sua intimidade em ambientes públicos, como nas redes sociais. A promoção de um intercâmbio excessivo de informações pessoais é moda contemporânea, seguindo a vigente diretriz que assegura que “A nudez física, social e psíquica está na ordem do dia.” (ENRIQUEZ apud BAUMAN, 2008, p.9). O desaparecimento cada vez mais nítido da fronteira entre a vida pública e privada demonstra a transformação de crenças que a sociedade confessional está passando, ou seja, a exposição pública da privacidade se torna uma virtude, além de uma obrigação, visto que caso contrário a sua invisibilidade será julgada e o indivíduo será rejeitado pelos outros (BAUMAN, 2008).

As redes sociais surgem como sintomas da lógica do consumo de mercadorias na sociedade líquido moderna, a partir do momento que representam o atual mercado virtual dos usuários de marketing de si mesmos, onde o sonho de ser uma mercadoria desejável e desejada por todos torna-se realizada através das publicações e compartilhamentos de imagens e vídeos (BAUMAN, 2008). Observa-se que a busca cada vez maior pelo mundo virtual ultrapassa a fronteira pelo consumo de roupas, calçados, pessoas, entre outros diversos produtos existentes hoje no mercado. A grande pretensão almejada é descobrir a receita da vida perfeita e feliz que é mostrada para quem quiser ver nas telas dos celulares de última tecnologia (BAUMAN, 2001). Somos seduzidos a acreditar na utopia da vida composta apenas por momentos alegres e harmônicos e que o caos, que constantemente nos assombra no dia a dia, não é constituinte do existir humano.

Os relacionamentos virtuais despontam como tendência, marcados pela facilidade aos usuários em se conectar e desconectar das pessoas, não havendo comprometimento com o outro. De maneira que quando nos desconectamos do mundo das infinitas possibilidades, a vida está se tornando cada vez mais deserta, uma vez que o relacionamento não é feito com pessoas, mas com a personificação de um ideal criado por cada um de nós através de uma máquina. Logo, a tecnologia se mostra como um empecilho para a manutenção da espontaneidade e naturalidade das interações humanas, que vão se automatizando cada vez mais.

Essa nova realidade modifica a forma que o homem lida com sua existência, fazendo com que este vivencie diariamente uma nova ameaça, que é ter o mesmo fim que os outros produtos da sociedade líquido-moderna de consumo, a lata de lixo. Assim como um produto é descartado e substituído a partir do momento que ele não é mais capaz de satisfazer os desejos do comprador, a dualidade consumidor-mercadoria é aplicada nas relações interpessoais, fazendo com que o homem seja dispensável, se tornando “ninguém”. A vida líquida do homem consumista acaba flutuando “[...] desconfortavelmente entre os prazeres do consumo e os horrores da pilha de lixo.” (BAUMAN, 2008, p.17-18).

A modernidade, portanto, tem sido compreendida pelos sociólogos como um fenômeno do capitalismo, da ascensão das instituições políticas democráticas, e acelerado processo de individualização do ser e dos avanços tecnológicos (ILLOUZ, 2011). Sendo seu produto final a perpetuação da liquidez da existência (BAUMAN, 2007).

### 3 AS DIVERSAS FACETAS DA RELAÇÃO AFETIVA

#### 3.1 A dimensão relacional do homem

A problematização do que é o ser humano percorre uma vasta caminhada na trajetória da humanidade, de maneira que foram sendo desenvolvidas várias teorias científicas com a finalidade de compreender toda singularidade e complexidade que esse ser é dotado. No início do século XX um movimento filosófico se estruturou através de Edmund Husserl (1859-1938), visando estabelecer um método de fundamentação da ciência e de constituição da filosofia como ciência rigorosa. A fenomenologia surge em oposição às explicações objetivas fornecidas pelas ciências naturais quanto à compreensão da realidade e da vida humana.

Husserl interessado em refletir quanto á uma teoria de investigação do conhecimento propõe vislumbrar a realidade a partir de uma nova visão para entender o mundo através do método fenomenológico. Para ele o importante é o fenômeno, que corresponde a tudo aquilo que se mostra à consciência. Esta é entendida “[...] enquanto fluxo temporal de vivências e cuja peculiaridade é a *imanência* e a capacidade de outorgar *significado* às coisas exteriores.” (CHAUÍ, 1980, p. 807), já que toda consciência é consciência de alguma coisa, constatando seu caráter intencional. Percebe-se, portanto, o princípio relacional instituído pela intencionalidade entre sujeito e objeto, a partir da conexão imediata que é estabelecida entre ambos, de maneira que o que interessa é o que surge desta relação, compreendendo o sentido do fenômeno (FUKUMITSU, 2013; GIOVANETTI, 2018). Assim, a fenomenologia ao invés de contemplar um universo estático, se torna a análise do dinamismo que oferece aos objetos do mundo sentidos únicos e singulares (DARTIGUES, 1992 apud CARDELLA, 2002, p. 39).

Com o avanço da fenomenologia e seu reconhecimento como ciência, o novo método de descrição filosófica obtém notoriedade como uma importante ferramenta para a investigação das questões fundamentais da existência humana, como salienta Sapienza (2007):

O fato de considerarmos fenomenologicamente a existência permite que, ao olharmos para ela, afastemos de nosso olhar as teorias psicológicas, as concepções

prévias que se acumularam em cima desse fenômeno de que tratamos, o existir humano. Ao fazermos isso, o que aparece para ser visto e para ser falado é o essencial, é a existência mesma, nua e crua. Nesse momento, o que há de principal no existir começa a despontar com prioridade como tema de estudo. (SAPIENZA, 2007, p. 10).

A partir dessa perspectiva, a busca pela compreensão do ser humano através da fenomenologia apresenta dois enfoques distintos. O primeiro caminho filosófico foi proposto por Husserl através da fenomenologia transcendental, que têm como ideia principal compreender quais são as estruturas internas próprias do homem, ou seja, entender a interioridade da existência humana. Por sua vez, Heidegger apresenta uma perspectiva mais ontológica a partir da fenomenologia hermenêutica, investigando as estruturas fundamentais do homem como *ser-no-mundo*, abordando questões indispensáveis ao Dasein, como: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? (GIOVANETTI, 2014).

Vaz (1991,1992), com base nas investigações e análises vivenciais, seguindo a linha de raciocínio de Husserl, identifica três dimensões estruturais constitutivas do homem: a corpórea, a psíquica e a espiritual.

A dimensão corpórea refere-se ao corpo vivido do sujeito, que está ligado às suas vivências, uma vez que a ideia do corpo próprio transcende a ideia do corpo físico-biológico que é puramente mediador de interações, caracterizado por uma atitude mais passiva, denominada *estar-aí*. A partir da manifestação da dimensão intencional o indivíduo apodera-se de uma atitude mais ativa de maneira a apropriar-se de seu corpo revelando-se como meio de expressão do homem como *ser-no-mundo* (VAZ, 1991).

A dimensão psíquica diz respeito ao modo como o indivíduo capta a realidade externa, registra-a internamente em seu ser e, por fim, deixa-a ressoar afetivamente de maneira única e singular. Para esse processo é dado o nome de subjetivação do real, em que “[...] aquilo que percebo é sentido internamente.” (GIOVANETTI, 2014, p.76).

A dimensão espiritual, por sua vez, engloba o poder de estruturação e ordenação do sentido de vida, além de apresentar o aspecto da reflexividade que proporciona a expressão do espírito como *consciência de si*, logo a possibilidade de reflexão sobre o nosso ser (GIOVANETTI, 2014; VAZ, 1991). Segundo Vaz (1991) esta dimensão é a mais profunda da constituição do indivíduo, principalmente por compreender a abertura para o outro, que

viabiliza a estruturação de uma relação. À vista disso Vaz (1992) desenvolve uma nova perspectiva de compreensão do homem a partir das categorias relacionais, em que o autor analisa as relações do homem enquanto ser situado no mundo, com os outros seres humanos e com o transcendente, ou em outras palavras, o absoluto.

A primeira categoria, denominada de relação de objetividade, diz respeito à relação do homem com o que lhe é exterior, isto é, todo o ambiente e contexto no qual está inserido. Essa relação é caracterizada pela não reciprocidade, uma vez que o mundo só existe a partir do momento que o ser do homem permite uma abertura ao exterior de maneira a ligar-se ao contexto prático e transformá-lo em existente. Por exemplo: O guarda chuva representa um objeto inexistente no mundo a partir do momento que não está chovendo, entretanto quando as nuvens se acumulam, apresentando uma tonalidade mais escura e gotículas de água começam a cair do céu, o mesmo objeto passa a existir. Isso ocorre devido à existência ser concreta e situada em um contexto sócio histórico cultural, visto que não existe realidade isolada.

A segunda categoria relacional é a da intersubjetividade que, ao contrário da anterior, é marcada pela reciprocidade da relação, onde o outro entra em cena também como sujeito, de maneira que “A intersubjetividade rompe a relação de objetividade e instaura a relação dialógica com um outro eu.” (GIOVANETTI, 2014, p. 77).

A terceira, e última, categoria é denominada por Vaz (1992) de transcendência. Esta se refere à abertura do ser humano ao absoluto, aquilo que transcende o mundo e a história. Nessa dimensão o homem “[...] avança para além do ser-no-mundo e do ser-com-o-outro na busca de um sentido último da existência, do fundamento do eu primordial” (JUNGES, 2001 apud GIOVANETTI, 2014, p. 77).

O homem se revela, portanto, em sua essência, um com os outros, não sendo possível compreendê-lo fora da relação, já que “[...] o ser-com é um constitutivo existencial do ser-no-mundo.” (HEIDEGGER, 2005, p. 178). O termo ser-com (mitsein), postulado por Heidegger (2005), indica que viver implica o outro, no qual o “com” na expressão diz respeito a uma determinação da pre-sença. E por sermos seres de pre-sença, isto é, sermos abertura para o mundo é somente a partir deste outro que eu posso me diferenciar e constituir o meu Eu, de modo a me configurar e reconfigurar na relação.

A relação humana, conforme Giovanetti (2017a, p. 84), é definida por “[...] uma ligação em que ocorra uma troca de conteúdos humanos e na qual a comunicação entre essas duas pessoas possibilite o desvelamento de significados colocados por ambas as partes.”. E para que, de fato, seja possível o estabelecimento desta conexão há três condições prévias.

A primeira condição diz respeito ao reconhecimento do outro como sujeito de seus próprios atos, de maneira que este outro é totalmente responsável em definir e seguir o sentido de sua existência, fazendo de cada ser humano o dono de sua própria vida. A segunda refere-se ao respeito à alteridade, isto é, aceitar o outro como ele se apresenta, o que paradoxalmente implica no reconhecimento de si mesmo, como retrata Gaspar e Mahfoud (2014, p. 29) ao afirmar que “É a partir do olhar do outro que eu tenho condições objetivas de olhar para mim mesmo, reconhecendo-me e constituindo-me como um “eu”, diferente deste outro “eu” que me olha.”. E, por fim, a terceira condição é ter consciência que a captação do outro vem acompanhada de um registro emocional, uma ressonância afetiva singular (GIOVANETTI, 2017a).

Além das condições prévias, a caracterização da relação humana é feita a partir de seus elementos estruturais, que de acordo com Giovanetti (2017a), são quatro: o encontro, o diálogo, a reciprocidade e o vínculo.

Quando se fala de encontro estamos nos referindo a movimento, proximidade, descoberta. Para Feldman (2004, p. 24) “[...] encontro refere-se à relação entre duas ou mais pessoas que compartilham sua experiência, percebendo as semelhanças entre si e ao mesmo tempo respeitando as diferenças, saindo cada uma melhor do que estava ao iniciar o contato.”. A relação humana poderá se configurar em encontro quando percebemos que estamos diante de outro sujeito e, assim, vamos em direção a ele com o intuito de entrar em sintonia, podendo ou não ser de forma recíproca, mas que provoca um aprendizado e a possibilidade de crescimento existencial (FELDMAN, 2004; GIOVANETTI, 2017a).

Ao estudarmos a dimensão dialógica da existência humana, segundo elemento, nos encontramos com a filosofia de Martin Buber, considerado um dos maiores filósofos do século XX. A essência de seu pensamento está na importância que a relação interpessoal e o diálogo têm na atitude existencial do homem um diante do outro (FELDMAN, 2004). O diálogo transcende uma troca de ideias entre pessoas e uma sequência de monólogos preparados. Ele ocorre no encontro de duas pessoas como sujeito, no qual ambas estão disponíveis, de maneira a responderem e serem afetadas pelo outro (YONTEF, 1995). Desta



maneira, dialogar implica abertura de modo a esvaziar-se de si e deixar-se preencher pelo outro.

Buber baseou sua filosofia nas palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso, que se refere a duas atitudes básicas do homem em sua existência. Na atitude Eu-Tu o homem relaciona com outro homem percebendo-o sujeito assim como ele, desta maneira sua postura vai além da individualidade e proporciona uma contemplação da alteridade. Esse tipo de conexão, estabelecido com o pressuposto de abertura para o outro, acontece a partir da reciprocidade, terceiro elemento estrutural da relação, e permite que nesse encontro os envolvidos sejam impactados (CARDELLA, 2015; CHAGAS, 2016; FELDMAN, 2004). A reciprocidade corresponde ao envolvimento genuíno com o outro a partir do momento que participo de sua existência, exemplificado pela expressão *Miteinandersein*, utilizada por Binswanger, cujo significado é “ser-em-relação-de-reciprocidade” (GIOVANETTI, 2017a).

Enquanto que na atitude Eu-Isso o indivíduo é levado a experienciar de forma objetiva as situações, assim o outro é visto como meio e não um fim em si mesmo. As relações assumem um caráter utilitarista, no qual o outro serve para satisfazer suas necessidades, desfazendo-se dele assim que não for mais útil. Nesta postura a relação entre os envolvidos é claramente assimétrica, constituída por uma dimensão monológica e efêmera (CARDELLA, 2015; CHAGAS, 2016; FELDMAN, 2004).

O vínculo afetivo, último elemento da relação humana, será constituído caso a reciprocidade seja vivenciada de forma autêntica, tendo como finalidade consolidar e fortalecer a relação. O vínculo, portanto, é responsável pela qualidade do relacionamento, já que é o afeto que dita como e o quanto seremos sensibilizados (GIOVANETTI, 2017a).

### **3.2 Afetividade**

A dimensão afetiva ao longo das últimas décadas vem se destacando como um meio de condução de vida. Indicando que atualmente as pessoas tendem a guiar e organizar sua existência a partir dos sentimentos e emoções que vivenciam e não tanto pelo viés da racionalidade como antigamente (GIOVANETTI, 2014; 2017b). Heidegger (2015), em sua obra *Ser e Tempo*, ao analisar a estrutura originária do ser da presença, como determinante

dos modos de ser existenciais do homem, identifica dois modos constitutivos de ser o “pre”: na compreensão e na disposição, que diz respeito aos fenômenos denominados pela filosofia de afetos e sentimentos.

A afetividade apresenta como uma de suas principais características, representada na expressão “pre” de presença, o modo existencial básico de abertura essencial do homem ao mundo. Proporcionando, assim, o estabelecimento de uma conexão que permitirá que o ser seja tocado de forma única pelo que vem ao seu encontro, revelando uma maneira subjetiva de ser afetado (HEIDEGGER, 2015). Ao buscarmos compreender as expressões dos afetos na existência humana, estamos interessados em desvendar o componente que é responsável em nos distinguir, ou seja, que permite que cada ser sinta a vida de forma diferente, qualificando a nossa existência. Caso contrário, todos seriam impactados da mesma maneira. (GIOVANETTI, 2015).

Para Illouz (2011), a dimensão afetiva é compreendida como uma entidade psicológica, cultural e social. Sendo que não corresponde a uma ação em si, como afirma Nussbaum (apud ILLOUZ, 2011), e sim:

[...] a energia interna que nos impele de agir, que confere um “clima” ou uma “coloração” particular a um ato. Por isso, o afeto por ser definido como o lado da ação que é “carregado de energia”, no qual se entende que essa energia implica, simultaneamente, cognição, afeto, avaliação, motivação e o corpo. (NUSSBAUM apud ILLOUZ, 2011, p.9).

A afetividade, portanto, se apresenta como uma estrutura fundamental para o homem, uma vez que auxilia na estruturação da interioridade humana, que começa com o desenvolvimento do psiquismo, e se baseia na relação indissolúvel entre homem e mundo (GIOVANETTI, 2015; ZANELLA, 2013). O psiquismo é formado a partir de dois eixos: o eixo da representação, que condiz com a captação nua e crua da realidade externa, e o eixo da afetividade, que diz respeito à ressonância subjetiva da apropriação do real. É a partir da articulação destes eixos que se torna possível o homem ser impactado diante de todos os acontecimentos nos quais se depara durante a vida. Assim, “O homem está sempre sendo tocado por alguma coisa, afetando e sendo afetado, sendo provocado por sensações, por percepções que dão asas à imaginação e provocam o sentir, o pensar e o agir.” (ZANELLA, 2013, p.13).

De acordo com Giovanetti (2015), sendo o afetivo o registro da nossa forma de sentir o encontro com o mundo, as nossas vidas serão organizadas a partir de como vivenciamos a afetividade, havendo quatro principais formas de expressá-la. Podendo ser através de vivências de prazer e desprazer, das emoções, dos sentimentos e dos estados de ânimo.

As vivências de prazer e desprazer se apresentam como o primeiro registro afetivo. O prazer representa um afeto importante para a estruturação do homem, não à toa se tornou na sociedade contemporânea uma forma de estilo de vida que condiz ao hedonismo. E quando não alcançado é vivenciado a ressonância do desprazer, o que pode gerar um sentimento de frustração. Estas vivências são baseadas, essencialmente, no nível sensorial e intelectual.

O segundo registro são as emoções que correspondem à consciência das reações psicossomáticas que são produzidas no indivíduo a partir de uma situação, sendo assim são capazes de revelar o quanto estamos envolvidos e como somos afetados pelo evento (CARDELLA, 2009; ROMERO, 2002 apud GIOVANETTI, 2015). Baseiam-se, essencialmente, no nível biológico e, em geral, sua natureza é passageira. A título de exemplo, Cardella (2009, p. 103) diz que “Emoções como a raiva ou o medo existem para nos preservar, nos proteger do perigo; já a alegria é a emoção que celebra nossas realizações.”.

Enquanto que os sentimentos, terceiro registro, apresentam um caráter mais duradouro. Devido a sua alta complexidade revela com mais precisão a interioridade do homem, manifestando o valor que atribuímos às nossas experiências e a forma como nos relacionamos, podendo ser através de uma atitude positiva ou negativa (CARDELLA, 2009). Além disso, é a partir desse registro que é possível formar vínculos afetivos, uma das principais características da afetividade, com situações, objetos e pessoas. É entendido como sentimentos: orgulho, frustração, vergonha, compaixão, confiança, respeito, admiração, inveja, decepção, ciúme, entre outros.

A quarta forma de registro são os “estados de ânimo” que diz respeito a como nos expressamos enquanto ser-no-mundo, ou seja, esse registro evidencia a forma predominante com a qual vivenciamos a realidade a partir da relação constante entre mundo e Eu. Das quatro formas de expressão, os estados de ânimo são aqueles que apresentam maior complexidade, de tal maneira a influenciar na intensidade das emoções e sentimentos.

Podemos perceber que a afetividade tem um papel fundamental na constituição da existência humana, especialmente por representar um termômetro do impacto relacional do

homem, permitindo o estabelecimento e a qualidade dos vínculos interpessoais. Deste modo, a vida afetiva é desenvolvida a partir da forma que encaramos nossas vivências, sendo que quanto maior a variedade de afetos sentidos mais rica ela será (GIOVANETTI, 2015).

### 3.3 Intimidade

Por constituir sua singularidade pela via relacional, a presença de relações significativas na vida do ser humano se mostra primordial para que sua vida tenha sentido, a partir do momento que a abertura ao outro pressupõe a possibilidade de uma vida afetiva. O outro é sempre mistério, representa o desconhecido que pode ser um risco, mas também uma possibilidade de encontro, de acolhimento, de sentido de vida (CARDELLA, 2009).

Segundo Cardella (2009), as possibilidades afetivas na vida ao unirmos com alguém, proporciona a criação tanto de laços quanto de nós. Os laços demonstram conexões delicadas, mas carregam consigo harmonia e beleza que permitem a valorização e o enriquecimento dos envolvidos. Enquanto que os nós nada mais são que um emaranhado de fios sem lógica, tão apertados que podem sufocar, causando angústia e sofrimento.

O amor, entendido como atitude diante da existência, corresponde à entrega do homem para a possibilidade de integração com o outro, ou simplesmente a atitude de abertura para o mistério do outro. Sendo que o ato de relacionar-se nada mais é que “[...] uma experiência de desalojamento e instabilidade, que implica uma experiência inicial de pertencimento para que possa se realizar.” (CARDELLA, 2009, p.27). Assim a profundidade da experiência afetiva se revela a partir da conquista de um elemento crucial para a relação: a intimidade.

A palavra intimidade origina-se do latim “*intimus*”, que significa aquilo que está dentro, que atua no interior do ser. Etimologicamente corresponde à qualidade ou característica do que é íntimo, privado, secreto. A intimidade compreende, então, a comunicação emocional que o homem tem consigo e com os outros, daquilo que é mais próprio seu (GIDDENS, 1993).

Na perspectiva relacional, a intimidade engloba o espaço que se configura em morada sustentado pelo sentimento de acolhimento e confiança, o que permite o compartilhamento

com outra pessoa de suas emoções mais profundas e privadas, improváveis de serem expostas ao olhar público (CARDELLA, 2009; GIDDENS, 1993). Para Cardella (2009):

Ser íntimo é perceber e reconhecer a condição humana frágil e corajosa do outro, vê-lo para além de si, com revelação do mistério que carrega anseios e sofrimentos, reconhecer sua sabedoria, vislumbrá-lo em sua dignidade. É dar um passo além de si mesmo, rumo ao *encontro*, ainda que ele nos escape. (CARDELLA, 2009, p.35).

O acolhimento é uma condição para que a intimidade se torne realidade em uma relação, já que pressupõe primeiramente a abertura para que o outro se aproxime e depois proporciona a criação de um espaço para que a pessoa se sinta segura em compartilhar seus sentimento e emoções, para constituir e cultivar o vínculo estabelecido. É importante destacar que tal acolhimento deve ser feito pela totalidade da pessoa, ou seja, até pelos seus aspectos sombrios, que são os sentimentos, características, necessidades que ainda não ascenderam à consciência, mas nos acompanham em nosso caminhar e costumam provocar falta de comunicação e distanciamos entre os parceiros.

Ao nos relacionarmos afetivamente precisamos estar dispostos a entrar em uma aventura de conhecimento, tanto de si quanto do outro, e se desvelar para o outro requer confiança, que quer dizer ter fé que a outra pessoa terá a capacidade de agir com integridade e que será seu “porto seguro” quando precisar (CARDELLA, 2009; GIDDENS, 1993). Segundo Giddens (1993, p. 155) “Confiar em alguém significa renunciar às oportunidades de controlá-lo ou de forçar as suas atividades dentro de algum molde particular”. Assim a experiência de confiança demonstra a construção da intimidade na relação, processo que passa por várias etapas e desafios.

O desenvolvimento amoroso é composto por algumas etapas, que seriam: a atração, enamoramento, corte, intimidade, entrega, paixão e êxtase (CHOPRA, 1999 *apud* CARDELLA, 2009). O início do romance ocorre na ordem do mistério através da atração pelo outro, na qual essa abertura inicial demonstra a singularidade daquilo que desperta interesse em cada um de nós. Além disso, evidencia que o indivíduo sente-se digno de ser amado por alguém. Na fase seguinte, de enamoramento, a atração é tão intensa que permite o afrouxamento das fronteiras e a vivência de uma perspectiva mais encantada e idealizada do parceiro. O escolhido se torna tão desejado que é atribuído um papel em nossa vida.

Cardella (2009) discorre que na terceira etapa, a corte, é quando o indivíduo empenha-se na conquista do ser amado, assim há a tentativa de criar a mesma atração que se sente pelo parceiro. Neste momento, o desafio é decidir se arriscar e se desvelar para o outro, mostrando suas fragilidades pessoais ou se fechar, evitando a vivência da alteridade, da vulnerabilidade e do sofrimento humano. É um período muito importante, pois “[...] somos chamados a crescer, amadurecer e examinar os pontos cegos e frágeis de nossa existência, que tendemos a evitar ou projetar sobre os demais.” (CARDELLA, 2009, p. 72). É exatamente nessa fase que muitos relacionamentos chegam ao fim, já que esta abertura implica a entrega ao desconhecido.

Quando cada envolvido conscientiza-se de sua totalidade como ser, isto é, tanto dos seus aspectos evidentes quanto dos obscuros, suas defesas se afrouxam permitindo o surgimento da intimidade. Logo há um progresso no relacionamento, já que este se transforma no compromisso em compartilhamento à vida com outro alguém (CARDELLA, 2009). De acordo com Buber (1982),

Tomar conhecimento íntimo de uma coisa ou de um ser significa, em geral, experienciá-lo como uma totalidade e, contudo, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzem, experienciá-lo em toda a sua concretude. [...] O conhecimento íntimo só se torna possível quando me coloca de uma forma elementar em relação com o outro, portanto, quando ele se torna presença para mim. (BUBER, 1982, p.147).

Entretanto quando o casal não compreende o processo de conhecimento, transformação e compartilhamento no qual estão adentrando, acabam enrijecendo suas barreiras defensivas de tal maneira a iniciar um jogo de poder e do ego o que causa distanciamento entre os parceiros.

A entrega é conquistada quando o casal é capaz de continuar se envolvendo com o outro a partir do acolhimento da alteridade, sem a tentativa de manter o poder e o controle da relação. É preciso, também, ter conhecimento que em um relacionamento duradouro há momentos que cada um terá que ceder e renunciar para assim se aproximar cada vez mais do outro.

O próximo estágio, denominado de paixão, é caracterizado pelo retorno do amor intenso da relação, que vai além da atração sexual como ocorre no início do processo. É um

momento no qual o casal pode conquistar o sentimento de integração entre dois seres únicos e capazes de se verem um no outro.

O estágio final corresponde ao êxtase que “[...] é a própria libertação espiritual, a possibilidade da plenitude e da realização, da paz, da união.” (CARDELLA, 2009, p.82). Visto que o indivíduo ao se relacionar com o outro e consigo mesmo compreende a dimensão da natureza da existência como um todo, isto é, conscientiza das suas experiências no tempo presentes assim como quem realmente é.

A intimidade é um construto árduo na relação que exige manutenção constante para proporcionar crescimento tanto individual como coletivo. Assim, ao criarmos esse espaço de diálogo, respeito e acolhimento, é possível a promoção do desenvolvimento de potenciais. Para Cardella (2009, p. 137) “A riqueza de uma relação está justamente nessa busca de compreensão que surge da surpresa do encontro.”.

## 4 A INTIMIDADE NAS RELAÇÕES AFETIVAS NA CONTEMPORANEIDADE

### 4.1 As transformações da intimidade

A perspectiva existencial concebe o homem como um ser de abertura para o mundo, de maneira que sua existência é constituída a partir das possibilidades que se apresentam a ele, entretanto é um ser limitado pelo fato de não poder tudo. O ato de escolher estrutura-se na vida do homem como uma condenação, uma vez que somos seres-no-mundo somos incumbidos de optar, isto quer dizer que o próprio ato de renúncia corresponde uma escolha. Sendo assim cada ser humano é livre e responsável pela construção de sua própria existência (CARDOSO, 2013; SAPIENZA, 2007).

Além de reconhecermos que o homem é autor de sua vida, criando seu próprio sentido, no período do Renascimento, iniciado no século XV, os renascentistas reconheceram, mais do que em qualquer outro momento histórico, o real potencial criador humano. Isto quer dizer que “[...] tomaram consciência de que o homem não é um simples expectador do universo, mas que o pode modificar, melhorar, recriar.” (NOGARE, 1985, p. 63 apud MENDONÇA, 2013, p.89). Isso faz com que tanto o aspecto criativo quanto a liberdade de escolha frente à sua existência torna o homem responsável por todos seus feitos ao longo da história da humanidade, no qual cada época é marcada por mudanças significativas no âmbito cultural, político, econômico e social.

Portanto a condição existencial humana é caracterizada a partir de um contexto histórico cultural, de maneira a influenciar diretamente na relação que o eu estabelece com o mundo e, principalmente, com o outro, possibilitando a criação, por exemplo, de novos modelos de relacionamento afetivo e intimidade entre as pessoas.

A sociedade contemporânea encontra-se sob o domínio de um sistema capitalista de alta velocidade, de maneira a estarmos constantemente respondendo as suas demandas, e por consequência desrespeitando o ritmo e ciclos do nosso corpo e da natureza (CARDELLA, 2009; GIOVANETTI, 2019). O desenvolvimento tecnológico acelerado contribui para o avanço e acesso ao conhecimento, além de proporcionar uma comunicação globalizada. Porém instala um novo tipo de dependência geracional, o vício tecnológico, que consiste na



dificuldade em se desconectar do mundo digital e quando isso é possível, é comum o registro de certo nível de sofrimento. Mendonça (2013) certifica que:

O avanço tecnológico, informacional e industrial da sociedade tem gerado metas produtivas segundo as quais a prescrição de êxito parece ser a utilização de um comportamento competitivo e uma mentalidade utilitarista que vê o outro como um objeto intermediário para satisfazer seus propósitos. Cada vez mais as pessoas têm assumido essa meta para sua existência, ficando subordinadas a uma lógica e a um ritmo de trabalho rotinizante e padronizado que as mantêm confinadas, abrindo mão do espaço e das oportunidades para o encontro inter-humano íntimo e, portanto, para a criação da sua humanidade potencial. (MENDONÇA, 2013, p.95).

É um momento em que se anuncia a era da aparência, onde tudo que está ligado à exterioridade do ser ganha grande evidência e valorização, especialmente quando o raciocínio é baseado na premissa que “A nossa identidade é moldada pelo olhar do outro.” (GIOVANETTI, 2019, p.60). O corpo assume um lugar de destaque, principalmente por se tornar na sociedade moderna o portador concreto e aparente da auto-identidade e o resultado das escolhas feitas pelo indivíduo que configuram seu estilo de vida (FOUCAULT apud GIDDENS, 1993). A partir disso, surgem inúmeras preocupações com o controle físico o que gera certa obsessão em ter o corpo “perfeito”. A alta aderência a práticas de dietas nutricionais e procedimentos estéticos, com o propósito de alcançar o padrão de beleza estabelecido pela mídia, demonstra até onde o ser humano está disposto a ir para não ficar de fora do “jogo”.

A padronização demonstra que a sociedade se desenvolve a partir da crença de que um determinado estilo de vida resultará em uma realização existencial. A proliferação da literatura de aconselhamento, na década de 1920, assim como a indústria cinematográfica, contribuiu para a elaboração e difusão de uma normatividade afetiva que exerceu grande impacto na maneira como o eu compreende a si mesmo e, assim, perpetuar uma ideia ilusória de caminho único para a felicidade (ILLOUZ, 2011).

Em um mundo onde tudo pode mudar em um curto espaço de tempo, e no qual somos constantemente convidados a trilhar o mesmo caminho que o outro para obter sucesso pessoal e profissional, se torna difícil encontrar um momento propício para que o indivíduo recolha-se, reflita sobre a vida e cuide de si e do outro. Isso ocorre por sermos convocados a acompanhar as inúmeras informações e transformações que o planeta vem sofrendo e

acabamos nos esquecendo de que “A alegria de viver brota quando temos a oportunidade de escrever nossa própria história, sempre construída em companhia e em comunidade.” (CARDELLA, 2009, p. 19).

No processo de “liquefação” da sociedade contemporânea conectar-se a alguém é preciso, porém para sobreviver neste mundo rege a crença de que tudo é passageiro, até as relações humanas. A fragilidade dos vínculos interpessoais destaca-se na contemporaneidade, pois todo ato de ligar-se a alguém é sentido com certa desconfiança, já que os laços ditos permanentes, ou melhor, duradouros podem trazer consigo compromissos e tensões que não estão dispostos a arcar, especialmente quando uma escolha de se atar ao outro pode restringir sua liberdade. A relação acaba sendo compreendida como um medicamento que precisa ser diluído para consumi-lo e o que acaba sendo desprezado é a interioridade de cada ser, a qualidade do encontro, a intimidade humana (BAUMAN, 2004, 2005; GIOVANETTI, 2019).

Além do cenário apresentado, o novo modelo cultural de intimidade sexual e afetiva que atua na sociedade contemporânea foi, também, fortemente influenciado por movimentos sociais da década de 1960, que diz respeito ao feminismo e a revolução sexual (GIDDENS, 1993).

A desigualdade entre mulheres e homens, no que tange o domínio econômico, político e social sempre esteve presente em nossa sociedade culturalmente machista e patriarcal. Nos relacionamentos íntimos heterossexuais a assimetria de gênero representava característica marcante. Sendo que o marido, naturalmente, mantinha o poder da relação, enquanto a esposa exercia sua posição de submissão ao seu companheiro, subordinação ao trabalho doméstico e permanecia isolada do mundo exterior (GIDDENS, 1993). Em oposição a essa ideologia o feminismo surge no final do século XIX e início do século XX, ganhando forças na década de 1960 e posteriormente em 1990 até atualidade, como luta pelos direitos básicos da mulher. Expresso através da busca pela igualdade perante aos homens, além de promover o empoderamento feminino e a libertação da sociedade de valores patriarcais baseados em normas de gênero. O movimento foi essencial para a mudança na compreensão do papel da estrutura familiar e principalmente do lugar que a mulher ocupava na sociedade moderna.

Enquanto isso, a revolução sexual também foi responsável por mudanças fundamentais de paradigmas, sendo que compreenderam dois elementos básicos: a autonomia sexual feminina e a normalização do homossexualismo. Esta teve origem datada no final do século XVIII, porém sua ascensão foi potencializada com a introdução de novos métodos de

contracepção em 1960. Anteriormente a vida sexual era ligada a ampliação da estrutura familiar, logo o sexo apresentava um caráter restrito à reprodução no contexto matrimonial. Entretanto tal controle era aplicado apenas às mulheres, já que a diversidade sexual provindas dos homens era encarada como uma característica definidora de sua masculinidade, sendo assim compreensível. Enquanto isso, a virgindade feminina era concebida pela sociedade como uma preciosidade que precisava ser resguardada até o casamento. Caso contrário, as mulheres sexualmente ativas eram julgadas em termos pejorativos e, dificilmente, vistas dignas para desempenharem o papel de esposas e, sim, de amantes (GIDDENS, 1993).

Com a disseminação da contracepção moderna e das tecnologias reprodutivas, a sexualidade torna-se uma “propriedade” potencial do indivíduo, seja ele homem ou mulher. Isto quer dizer que a sexualidade assume um caráter autônomo como expressão da qualidade do ser e de sua relação com o outro. Dando início à caminhada a um mundo de igualdade sexual crescente de gênero, que corresponde para Giddens (1993, p.10) à sexualidade plástica, ou seja, uma “[...] sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução.”

Já o segundo elemento, a homossexualidade, era considerado pela literatura clínica da época como uma patologia, interpretada como perversão pela psicanálise, logo passível de cura. A luta pelos direitos de auto-expressão sexual no contexto do Estado democrático liberal demonstrou o caráter livre da sexualidade, de maneira que “[...] ao mesmo tempo que *gay* é algo que se poder “ser”, e “descobrir-se ser”, a sexualidade abre-se a muitos propósitos.” (GIDDENS, 1993, p.24). A batalha foi parcialmente bem-sucedida, como pontua o autor, já que:

Os homossexuais ainda enfrentam um preconceito profundamente enraizado e, muito comumente, uma violência aberta. Suas lutas emancipatórias encontram resistências talvez tão profundas quanto aquelas que continuam a obstruir o acesso das mulheres à igualdade social e econômica. (GIDDENS, 1993, p. 44).

Neste contexto, a experiência de intimidade é modificada a partir dos novos padrões de igualdade estabelecida entre os parceiros envolvidos na relação, ou seja, o relacionamento deve ocorrer de modo igualitário. Segundo Illouz (2011), a igualdade na intimidade fica evidente, primeiramente, quando o homem é chamado a se distanciar dos valores machistas da sociedade, e convidado a se assemelhar as mulheres no que diz respeito à conscientização dos seus sentimentos. E, também, a partir das novas definições da sexualidade feminina, fruto do

feminismo e da revolução sexual, que enunciou a linguagem de libertação e igualdade sexual aos homens.

Com a instalação da sexualidade plástica o casamento institucionalizado com finalidade de constituição familiar e o caráter restrito da monogamia na relação amorosa, apesar de continuarem sendo referência na sociedade, abre espaço para outros tipos de relacionamentos mais flexíveis, cujo lema é “Que seja eterno enquanto dure”. Giddens (1993) denominou esse fenômeno de relacionamento puro que:

Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com a outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. (GIDDENS, 1993, p. 68-69).

O relacionamento puro faz parte da estruturação da intimidade nos relacionamentos contemporâneos, servindo de base para o amor confluyente. Este surge como uma forma ideal de se relacionar a partir de uma sociedade que possibilita a satisfação sexual de todos seus integrantes. Inferindo a igualdade interpessoal entre os parceiros no envolvimento emocional, introduzindo limites ao relacionamento e possibilitando outras formas de vínculo em detrimento ao modelo monogâmico e heterossexual. Seu desenvolvimento baseia-se na vivência da intimidade, uma vez que o amor apenas evolui a partir da abertura para o outro, possibilitando o compartilhamento de emoções através de uma comunicação clara e cuidadosa, e a partir do conhecimento das peculiaridades do outro (GIDDENS, 1993).

A transformação da intimidade, portanto, perpassa por uma mudança relacionada à concepção quanto ao sexo e ao gênero. Além de associar-se ao desenvolvimento de uma sociedade pautada nos ideais capitalistas, tecnológicos e centrado unicamente no bem estar do indivíduo, demonstrando “[...] toda uma transição básica na ética da vida pessoal como um todo.” (GIDDENS, 1993, p.109).

## 4.2 Dos prazeres do convívio aos horrores da clausura do compromisso

### 4.2.1 O relacionamento contemporâneo: que seja eterno enquanto dure

Como resultado dos desdobramentos até aqui apontados uma das formas de pensar o relacionamento afetivo contemporâneo é a partir do “ficar”. Esse fenômeno é caracterizado por relacionamentos breves com ausência de responsabilidade e compromisso emocional entre os envolvidos. Sendo assim corresponde ao oposto da crença tradicional de uma relação amorosa baseada na aliança conjugal eterna, ou o amor romântico, como denominado por Giddens (1993, p.10), que “[...] pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo.”.

No “ficar” os laços estabelecidos são tão frouxos que ficam mais suscetíveis a se desfazer, isso porque não há normas pré-determinadas, sobretudo de compromisso. A liberdade de expressão é o que importa, podendo mudar se os parceiros entrarem em acordo para a criação de regras. Bauman (2004) designa este fenômeno de “relacionamentos de bolso”, que nada mais são que relações que podem ser desfrutadas assim que o indivíduo julgar necessário, e no momento que deixarem de ser benéficas, é só voltar a guardá-las. É exatamente essa ligação solta, livre do engajamento emocional, que permite uma exploração ampla de diferentes parceiros afetivos, de modo a testar e comprovar a relação com o outro. Nesse sentido,

Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre. Melhor que permaneçam líquidas e fluídas e tenham “data de validade”, caso contrário poderiam excluir as oportunidades remanescentes e abortar o embrião da próxima aventura. (BAUMAN, 2001, p. 74).

O desejo de tentar e conseguir aproveitar tudo em pouco tempo é instigado pelo predomínio do individualismo, hedonismo e a enorme diversidade de opções que o mercado nos oferece ao transformar o homem em mercadoria. O relacionamento acabou adquirindo um

caráter de transação comercial, no qual não é vantajoso investir toda sua confiança, segurança, intimidade e compromisso em apenas uma pessoa. Illouz (2011) acredita que:

Isso constitui uma ilustração perfeita do que Bem Agger chama de “*fast capitalism*”, que tem duas características: primeiro, a tecnologia capitalista tende a compactar o tempo, a fim de aumentar a eficiência econômica; segundo, o capitalismo tende a causar a erosão das fronteiras e a negar às pessoas espaço e tempo privados. (ILLOUZ, 2011, p. 123).

Apesar do “ficar” não necessariamente envolver o contato sexual, é comum que a busca pela excitação e prazer transitório envolva o sexo casual, principalmente quando “[...] a procura do amor romântico não significa mais o adiamento da atividade sexual até que o relacionamento desejado apareça.” (GIDDENS, 1993, p.60). Os encontros episódicos e a flexibilidade de trocas afetivas correspondem à exploração da sexualidade plástica com a ausência de controle, um desprendimento na formalidade empregada pela monogamia. Para Giddens (1993) mesmo que as relações atuais ocorram de maneira breve e despersonalizada, a sexualidade episódica, além de libertar o sexo de sua antiga subserviência ao poder de gênero, possibilitou que todos se tornassem sexualmente realizados.

Apesar disso, a sexualidade episódica instala outro tipo de poder no relacionamento, que diz respeito ao domínio do afeto. O poderoso é o amado, o que desperta maior desejo no parceiro, o que se importa menos na relação. A busca pela independência emocional é um comportamento tipicamente contemporâneo. A crença é de que quando o indivíduo ocupa a posição do ser desejado, evitando a entrega total ao amor, ele terá menos chance de sofrer com uma desilusão amorosa, devido o distanciamento emocional e o domínio do afeto de si e do outro.

Entretanto o poder que é visto como aliado se torna uma armadilha à medida que isola cada vez mais o indivíduo, pois nesta dinâmica é compreendido que não se pode compartilhar, já que ao fazer isso você está sujeito à perda. Desta forma, o exercício do poder em uma relação afetiva não é capaz de estabelecer a intimidade e, sim, a intimidação. Quando as pessoas retiram essa armadura rígida que impede o contato, elas se abrem para a experiência de reciprocidade afetiva, podendo se aproximar do outro sem ameaças. E mesmo se sentindo vulneráveis, elas encontram no ser amado disponibilidade e acolhimento (POMPEIA; SAPIENZA, 2004).

Por um lado, é indiscutível que o processo de ressignificação do sexo e o avanço tecnológico representem conquistas para a humanidade, entretanto, por outro lado, as relações com frequência, adquiriram um caráter mecânico, priorizando a satisfação física e psíquica momentânea do indivíduo, desconsiderando o outro. A evolução desta nova forma de se relacionar vai de encontro com o funcionamento peculiar do mundo do consumo, que não funciona a partir da lei do apego, como empregado na fase “sólida” e sim, o total oposto disso, deve ser líquida. Para maximizar o tempo e a eficiência, o descompromisso com tudo e todos é primordial nessa sociedade que empenha em reafirmar a cultura do descartê, já que tudo tem um prazo de validade e, assim, é substituível. A evidente consequência é a redução temporal do encontro inter-humano e sua qualidade, sendo estas frágeis e empobrecidas. (BAUMAN, 2004; ILLOUZ, 2011).

Observamos, portanto, que o mundo ocidental vive um período de questionamento de valores, uma vez que a sociedade se apoia na fluidez do consumo que estrutura relações cada vez mais efêmeras. A vida moderna está sendo inundada pela atitude individualista, de forma que este princípio tornou-se um elemento estruturante e característico da ideologia contemporânea (GIOVANETTI, 2019). Segundo Mendonça (2013), a visão antropocêntrica corresponde a matriz moderna do individualismo. Já que ao ver o homem como centro do mundo e naturalizando esse princípio como condição inerente à natureza humana, ao invés de uma construção ideológica do homem, houve a evolução para um individualismo e pragmatismo “[...] que são sustentados no fundo pelo culto ao eu, ao triunfalismo e ao sucesso a qualquer preço.” (MENDONÇA, 2013, p. 96). A título de exemplo, em termos psicopatológicos, ao pensarmos em uma expressão pura do individualismo contemporâneo, o hipocondríaco surge como a representação mais fiel dessa época. Isso porque sua visão está tão voltada para seu mundo interno, caracterizado por uma hipervigilância das suas sensações corpóreas, que o indivíduo acaba se retirando das relações com o mundo externo e se limita as fronteiras do seu eu.

Tal dinâmica resulta em novos tipos de sofrimento e angústia na vida das pessoas, expressa a partir do alto de nível de estresse, ansiedade, depressão, perda de sentido de vida, atitudes individualistas, destruição da interioridade e o esvaziamento das relações interpessoais. Cardella (2009, p.34) afirma que “A impossibilidade de estabelecer vínculos afetivos é fonte de grande sofrimento psíquico e de uma desesperança que se revela nas diferentes formas de adoecer características de nosso tempo”.

Assim, observa-se que “Se a importância do vínculo social era a base da organização da sociedade, hoje assistimos a um dismantelamento do vínculo dessa ordem como modo de ser baseado no princípio do indivíduo: primeiro eu, depois o outro.” (GIOVANETTI, 2019, p. 48). A consequência desse comportamento é a construção de relações descomprometidas e irresponsáveis, uma vez que o vínculo social deixa de ser uma exigência moral e se torna uma mera opção, marcando a contemporaneidade como uma época de escassez amorosa e perda da intimidade (LE BRETON, 2018 apud GIOVANETTI, 2019; CARDELLA, 2009).

Nesse sentido, os encontros episódicos demonstram o eclipse da alteridade, em que os relacionamentos são baseados na objetificação do outro, seguindo a atitude Eu-Isso. De maneira que nossas preocupações ficam centradas no ego, desvalorizando a interioridade do outro. O indivíduo que era pensado a partir de uma relação de troca contínua com o outro, é visto atualmente como objeto intermediário para a satisfação de seus propósitos. O eu individual assume uma posição de destaque, à medida que “O outro só tem valor na relação com o eu, se servir para a afirmação do eu.” (GIOVANETTI, 2019, p.54-55), perdendo, portanto, seu caráter humano e sendo reduzido à mera utilidade.

É inquestionável que a liquidez concedeu ao indivíduo uma autonomia e o poder de escolha, entretanto o ponto crucial de discussão é que o mundo contemporâneo criou um leque tão grande de opções que nos faz sentirmos perdidos e confusos à medida que não sabemos o que escolher. E quando somos capazes de realizar uma escolha, o pensamento se volta às renúncias que se faz sem a garantia de satisfação. Nessa preocupação, as pessoas acabam mantendo-se:

[...] na superficialidade do contato social sem se engajar, sem estabelecer uma relação humana de troca de conteúdos subjetivos, isto é, sem viver a intimidade pessoal. Ele vive ao lado do outro sem interagir com ele. Ele nunca se entrega ao outro. A relação de intersubjetividade é esvaziada. Isto também exprime na indiferença para com o semelhante. Manter-se à margem dos movimentos que fortalecem o vínculo social é uma postura de “manter-se à distância das interações ou de só participar deles de modo impessoal. (GIOVANETTI, 2019, p. 63).

A desconexão do mundo natural e o culto ao eu resultou em um entorpecimento da nossa sensibilidade. O empobrecimento do contato nos mostra que por mais que encontremos alguém não vivenciamos o momento, de maneira que “Olhamos sem ver, ouvimos sem escutar, tocamos sem sentir.” (CARDELLA, 2009, p.98). Estamos muito alienados na



satisfação dos nossos interesses individuais, o que faz com que não voltemos nossa atenção para aquele outro ser que pede carinho, cuidado e acolhimento. Nos relacionamentos episódicos não há tempo para hospitalidade, espaço para a escuta e valorização do outro, uma vez que as pessoas adquirem um caráter meramente objetivos. Com a perda da sensibilidade se esvai a capacidade de acolhimento, e conseqüentemente a possibilidade de criação de um espaço para a intimidade. Demonstrando que:

Quanto maior é a anestesia da sensibilidade, mais estímulos são necessários para a pessoa ser mobilizada, pois é frequente que ela se sinta insatisfeita. Quando isso ocorre dificilmente ela engaja em uma relação duradoura, ou então vive ansiosa buscando meios de estimular a vida sexual e afetiva a partir de fora, de forma técnica, o que sempre gera vazio e frustração. (CARDELLA, 2009, p. 99).

Apesar desse movimento em afrouxar os laços é importante fazer uma observação quanto à incongruência identificada entre o significado da palavra “ficar” e a definição do fenômeno. A palavra “ficar” designa um estado de permanência, de conservação, enquanto o fenômeno contemporâneo diz respeito a encontros episódicos e ocasionais, sendo assim caracterizados pelo seu baixo grau de duração temporal e envolvimento emocional. Tal contrariedade não deve ser atoa, isto porque por mais que o ser humano esteja inserido em um mundo acelerado e pobre de relações humanas, ele tem o desejo do encontro inter-humano, já que é na relação constante com o outro que surge a possibilidade de suporte, autoconhecimento, crescimento e intimidade.

#### *4.2.2 O romance está na rede*

A realidade atual é marcada pelo império tecnológico. Seu desenvolvimento impactou a vida do homem tanto no âmbito profissional, ao substituir a mão de obra humana pelas máquinas, automatizando todo o processo de produção, quanto no âmbito pessoal, ao mediar o contato humano uns com os outros e com o mundo. Em contraponto à fluidez proposta por Bauman (2001), característica fundamental da sociedade líquida, a tecnologia se estrutura no cenário atual como um dos pilares mais sólidos já encontrados na contemporaneidade.

Nos primórdios da internet nós a acessávamos através de uma conexão lenta e instável. Hoje somos constantemente acessados por ela, a ponto de sermos invadidos e dominados, o que pode ser evidenciado a partir da dependência tecnológica que aumenta cada vez mais. A utilização da internet como ferramenta essencial para o cotidiano do homem revolucionou sua vida afetiva e sexual, essencialmente na maneira como decidimos encontrar um parceiro. A tendência que surge são as relações em redes, propiciadas pelo desenvolvimento de sites e aplicativos de relacionamento.

Os tempos no qual o flerte ou a paquera reinava no jogo da conquista por um parceiro em ambientes públicos, como na balada ou em um encontro de amigos, se tornou apenas uma das alternativas, talvez a mais defasada, para conhecer alguém e, assim, iniciar um relacionamento, seja ele sério ou sem compromisso. Hoje as relações românticas estruturam-se como “[...] mercadorias produzidas numa linha de montagem a serem consumidas com rapidez, eficiência, por um custo baixo e em grande abundância [...]” (ILLOUZ, 2011, p.131). Fazendo com que seu parceiro ideal esteja a um clique de distância, após, é claro, uma análise criteriosa de seu perfil pessoal.

Inicialmente para fazer parte do mundo dos encontros virtuais você precisa estar disposto a converter seu eu privado em uma representação pública, tornando-se visível para o mundo em uma ampla competição, onde tanto seu prêmio quanto seus adversários lhe são invisíveis. É nesta conversão que você se apresenta a partir da criação de um perfil pessoal (ILLOUZ, 2011).

O perfil, proposto pelos sites e aplicativos de relacionamento, nada mais é que uma versão digitalizada de quem você é. Sendo composto, primeiramente, por uma descrição objetiva de si, no qual a intenção é expor questões relativas à sua personalidade, interesses na vida, hobbies, crenças, etc. E, posteriormente ao aspecto linguístico, são introduzidas as fotos, que não podem ser qualquer uma, uma vez que estas devem ser capazes de enaltecer sua beleza para conquistar vários olhares e “matches”. O famoso “match”, proveniente do aplicativo Tinder, ocorre quando, após uma avaliação do perfil, duas pessoas demonstram interesse uma pela outra possibilitando a abertura de um chat no qual o casal terá oportunidade de se conhecer melhor e, caso seja da vontade de ambos, tornar aquele encontro virtual um encontro real.

Por ser uma forma de apresentação pessoal orientada para um público abstrato e genérico de candidatos desconhecidos, o perfil é construído a partir de uma personalidade

desejável, quase ideal. Esse processo de descrição de si demonstra que o eu, inserido na internet, torna-se uma entidade flexível a ser moldado a fim de causar as melhores impressões no outro, para agradá-lo e, então, seduzi-lo, fazendo com que a descrição pessoal seja a mais atraente possível. A autenticidade do indivíduo é desconsiderada, pelo menos a princípio, prevalecendo o uso de máscaras.

Apesar de o encontro virtual apoiar-se, predominantemente, numa interação textual incorpórea, como aponta Illouz (2011), a corporeidade corresponde a principal fonte de valor social, e ao serem transformadas em imagens congeladas através de fotografias assumem vantagem na seleção inicial de um possível parceiro online. Neste novo tipo de relação o outro é percebido em fragmentos, ou seja, “[...] primeiro a pessoa é apreendida como uma entidade psicológica autoconstruída, depois como uma voz, e só mais tarde como um corpo móvel e em ação.” (ILLOUZ, 2011, p.152).

Desta forma, além de conhecermos este outro não pelo que é e, sim, por aquilo que ele decide mostrar, acabamos apreendendo o outro por etapas, na qual os indivíduos são resumidos, inicialmente, à sua aparência física. Em um estudo sobre a experiência da atração amorosa na psicologia social, Hatfield e Sprecher (1986 apud ILLOUZ, 2011) descobriram que apesar dos entrevistados afirmarem inicialmente que os traços de caráter são mais relevantes que a aparência física do parceiro, a prática demonstrou que a atração interpessoal é estimulada prioritariamente pela beleza do outro. Isto quer dizer que se você não apresenta o corpo e a beleza padronizada que a sociedade exige, prepare-se para se adequar, caso contrário você será descartada.

A imersão nas redes sociais contribuiu para uma textualização da subjetividade, isto é, “[...] para uma forma de apreensão de si mesmo em que o eu é externalizado e objetificado através de meios visuais de representação e linguagem.” (ILLOUZ, 2011, p. 113). Tais concepções demonstram que a busca pelo parceiro consiste na definição de uma lista de pré-requisitos abstratos e incorpóreos, estruturando um indivíduo perfeito. Neste cenário de idealizações e relacionamentos virtuais, o homem acaba se fechando em si mesmo, uma vez que proveniente ao sentimento de segurança opta em fantasiar uma relação com alguém ausente, ao invés de criar laços com alguém real, concreto, dotado de um mistério a ser descoberto e compartilhado.

O avanço em massa da cultura consumista e tecnológica, em conjunto com o predomínio de valores como o individualismo e o hedonismo, transformou os afetos em entidades avaliáveis, mensuráveis e negociáveis, intitulado por Illouz (2011) de “capitalismo afetivo”. Na perspectiva da autora os encontros românticos virtuais são estruturados na lógica mercantilista, de modo a exigir que o sujeito tome consciência de si para assim se descrever como o produto mais atrativo dentre a ampla e vasta competição. Desta forma, “[...] o eu tornou-se algo a ser montado e manipulado para causar impressões e administrá-las” (ILLOUZ, 2001, p.115).

Os afetos acabaram sofrendo uma redução drástica em sua complexidade ao se tornarem uma nova forma de capital, excluindo a humanidade e a espontaneidade das relações. Isto quer dizer que a partir da perspectiva de objetificação do ser humano a escolha do parceiro é baseada em uma decisão racional, pautada em prós e contras, fazendo com que a relação seja focada na utilidade e satisfação de desejos individuais, o que corresponde o oposto da proposta de uma relação afetiva íntima.

Apesar da maioria dos seres humanos desejarem a concretização de uma relação amorosa, é comum não estarem dispostos a vivenciarem a experiência de abertura para o mistério do outro, de desarrumação interior, do compartilhamento da real intimidade e, por consequência, de transformação e crescimento que um vínculo afetivo íntimo pode possibilitar. Os sentimentos de insegurança e medo pairam no ar ao pensar em envolver-se e tornar-se vulnerável (CARDELLA, 2009).

Como consequência a essa nova demanda, a popularidade dos relacionamentos virtuais é fruto da promessa em minimizar qualquer risco ou frustração que uma relação possa proporcionar, uma vez que ao ser mediada por uma máquina, a troca com o outro se mantém em perfeita constância e controle. Além disso, a internet busca assegurar que o usuário encontrará a melhor escolha possível, pois o mundo virtual possibilita a visualização do mercado por completo, logo de todos seus potenciais parceiros (BAUMAN, 2008; ILLOUZ, 2011).

Neste mundo não é possível e desejável assimilar o outro em sua totalidade, apenas em fragmentos. Compartilhar sua “sombra”, isto é, características, necessidades e desejos que, com frequência, são desconhecidos ao próprio ser e reprováveis pela sociedade se tornam impossível (CARDELLA, 2009). O amor, a abertura para o outro, cada vez mais é motivo de

medo, insegurança e decepção, o que faz com que busquemos mostrar para o outro apenas aquilo que desejam ver, e tentamos esconder o nosso mistério, aquilo que é mais próprio nosso. A criação de um personagem não é saudável, pois além de impossibilitar a espontaneidade e a construção de uma relação pautada na confiança, respeito e intimidade, restringe o ser de vivenciar a forma mais original e única de sua existência.

### **4.3 O relacionamento íntimo**

Apesar de todos os desafios que a contemporaneidade institui em manter e aprofundar uma relação amorosa, o ser humano continua desejando e buscando o encontro com o outro. Isso ocorre, principalmente, partindo do princípio que somos seres relacionais, de modo que estar com o outro se torna, quase, um imperativo da condição humana. Mas como estabelecer um vínculo sustentável e saudável quando a realidade é condizente com uma instabilidade constante nos relacionamentos?

Inicialmente é preciso compreender que viver é se arriscar no desconhecido, aprendendo com os erros e acertos durante a trajetória. Risco significa a possibilidade de perigo, logo devido seu caráter ameaçador pode gerar os sentimentos de medo e insegurança, fazendo com que o indivíduo forme padrões defensivos para se proteger. É, sem dúvida, um comportamento necessário em termos de sobrevivência, entretanto a questão é quando tomamos consciência que as muralhas construídas em torno de cada sujeito têm a intenção de se proteger afetivamente contra outro ser humano. O que acaba gerando um empobrecimento relacional afetivo, podendo nos tornar seres indiferentes, apáticos e isolados.

Desta forma é preciso ter outra perspectiva de risco, isto é, além de perigo, risco pode significar, também, oportunidade. E é apenas nos aventurando no contato inusitado com o outro, reconhecendo e permitindo vivenciarmos nossa vulnerabilidade que podemos ampliar nossos horizontes nos envolvendo e desenvolvendo a intimidade. Não quer dizer que esse movimento seja exclusivamente fácil e prazeroso, pelo contrário, é, também, árduo e trabalhoso, entretanto é assim que podemos crescer e desenvolver um sentido na vida, uma vez que “[...] o outro é testemunha de nossos gestos, de nossa vida e de nossa morte; o outro nos torna *reais*.” (CARDELLA, 2009, p.26).

Quando nos propomos iniciar um relacionamento estamos indo ao encontro daquele que é distinto de nós. A sociedade contemporânea está acostumada a compreender a alteridade como uma ameaça ao seu ser, por exemplo, quando pensada em termos de padronização estética e de vida ditadas pelas redes sociais tecnológicas. Assim, o esforço é voltado em manter o distanciamento do diferente, estranho, estrangeiro (BAUMAN, 2001). Entretanto o envolvimento de duas ou mais pessoas em uma relação implica lidar com o mistério, com o desconhecido e, por consequência, com a diferença do outro. A singularidade, elemento humano que evidencia o melhor e o pior de cada ser, corresponde a uma oportunidade de crescimento já que o contato para além das minhas fronteiras proporciona a exploração e a descoberta do desconhecido nos outros e até em nós mesmos. É nesse movimento de lidar com a alteridade que aprendemos a respeitar a existência do outro como ela é, o que pode contribuir para o desenvolvimento de maior tolerância e compreensão para a variedade de condutas humanas e da vida (CARDELLA, 2009).

A singularidade é apenas compartilhada de forma saudável e sustentável em uma relação que haja espaço para abertura e acolhimento mútuo. Cardella (2009, p.94) acredita que “[...] o acolhimento é uma espécie de silêncio que permite a escuta do outro para que ele seja percebido e valorizado. Para acolher é necessário despojar-se momentaneamente de si próprio, ser receptivo [...]”. E isso ocorre a partir de uma escuta atenta, da disponibilidade para estar de fato com o outro, de um abraço amoroso, de um olhar carinhoso. Atitudes e comportamentos que cada vez mais se esvaecem na contemporaneidade. A falta ou a dificuldade em acolher pode ser reveladora na relação quando os parceiros sentem-se sozinhos, abandonados, mesmo acompanhados, o que acaba gerando a desintegração da vida compartilhada.

A capacidade de acolher diz respeito a um importante pilar para a sustentação do relacionamento, pois é a partir dela que se pode vivenciar o sentimento de confiança no outro, permitindo o compartilhamento de si e da vida, entrando em uma dimensão cada vez mais profunda da relação, que diz respeito à intimidade.

Apesar do desenvolvimento e aprimoramento de várias habilidades, como abertura ao outro, todo relacionamento enfrenta momentos de crise, e são elas que revelam o estado da relação e a necessidade de transformação. O conflito apesar de evidenciar uma divergência, a partir do rompimento da homeostase entre o casal, pode promover uma ressignificação da própria relação a partir da reflexão e negociação entre as partes. Relações que não há conflitos

podem ser superficiais, pois o desenvolvimento da intimidade demanda profundidade e nesse movimento somos convidados a lidar com as “[...] diferenças, expectativas, necessidades, frustrações, discordâncias e divergências- e relacionar-se é a arte de conviver com tudo isso.” (CARDELLA, 2009, p. 143-144).

Apesar de serem naturais em qualquer relacionamento humano, Bauman (2004) e Cardella (2009) destacam que, o ponto crucial no cenário atual é que as pessoas não estão aptas e nem dispostas a suportar qualquer frustração, o que torna comum o rompimento cada vez mais precoce, já que os indivíduos procuram evitar sentimentos desagradáveis a qualquer custo.

A dificuldade em lidar com a frustração está ligada às altas expectativas que são depositadas no parceiro e na relação em si, isto é, as pessoas acabam idealizando o outro em demasia e quando percebem que a fantasia não condiz com a realidade desistem da relação. O diálogo representa um importante elemento na relação para que seja fomentado um espaço de expressão e reconhecimento das expectativas entre os parceiros tornando, assim, o relacionamento mais íntimo. Pois, de acordo com Cardella (2009, p.63), é a partir desse espaço de comunicação que é possível “[...] enxergar nosso parceiro tal como ele é, e não como gostaríamos que fosse.”.

Nesse sentido, um dos grandes obstáculos que os casais enfrentam na contemporaneidade é a dificuldade em estabelecer um diálogo construtivo que abarque a flexibilização, a cumplicidade, e, por consequência, gere o crescimento dos envolvidos (CARDELLA, 2009; GIOVANETTI, 2017a). Rogers (1983) afirma que a comunicação adequada em uma relação é estruturada a partir de uma escuta empática; de uma atitude autêntica, que diz respeito à capacidade do indivíduo em entrar em contato com seus sentimentos percebendo como aquela experiência repercute em si, conseguindo, posteriormente, comunicá-la; e da estima em relação ao outro, que seria amar o outro de forma compreensiva e não possessiva, incentivando o desabrochar do parceiro e de si mesmo.

Outro elemento importante do relacionamento íntimo refere-se ao tempo. É comum o pensamento de que quanto maior a durabilidade de uma relação maior será o grau de intimidade entre os envolvidos. Entretanto essa premissa é destruída quando tomamos conhecimento que há vários relacionamentos de longo prazo em que o casal, na realidade, ao invés de vivenciar amor, cumplicidade e abertura, vivencia aprisionamento, infelicidade, solidão e dificuldade de expressão. Isso ocorre pelo fato da dimensão temporal, de forma

isolada, não ser capaz de criar e desenvolver a intimidade na vida amorosa, porém quando associado ao amadurecimento a possibilidade de um encontro genuíno fortalecido pelas partes se torna uma realidade. À vista disso, o processo de amadurecimento do casal será fundamental para denotar a qualidade do relacionamento e a construção da intimidade, já que no desenvolver da relação será exigido passar por etapas, que envolvem momentos de contentamento, mas também de adversidade (CARDELLA, 2009).

A intimidade, na realidade, está estreitamente relacionada à atitude das pessoas em fomentar a humanidade, disponibilidade, acolhimento e amor na relação e em cada indivíduo. Para a existência da intimidade é preciso criar:

[...] um espaço de compartilhamento em uma parceria. É uma forma de relação que se configura em *morada*, um lugar aconchegante e seguro, onde se podem experimentar a confiança e a esperança; onde é possível ser e existir como se é, repousar e silenciar. CARDELLA, 2009, p.34.

Assim, a relação afetiva exige dedicação e tempo. A dimensão temporal acaba simultaneamente correspondendo a uma dádiva para o desenvolvimento do relacionamento íntimo, por propiciar uma estabilidade. Mas é, também, um obstáculo a ser enfrentado, uma vez que a sociedade líquida ao ser estimulada a encontrar a satisfação e prazer apenas por meio da novidade, o conhecido, o rotineiro, acaba perdendo interesse. Segundo Illouz (2011, p.148) “[...] o problema do apaixonar-se é permitir a passagem do amor espontâneo e aparentemente irracional para um amor sustentável na vida cotidiana.”. Desta forma, o desafio para que o tempo permaneça como um elemento favorável ao relacionamento de longo prazo é aperfeiçoar a capacidade de ser sensível e estar presente na experiência com o outro, isto quer dizer que as pessoas precisam prestar mais atenção, deixarem ser “tocadas” pelo outro e assim valorizar os pequenos detalhes no companheiro para descobrir a novidade na mesma pessoa (CARDELLA, 2009).

O encontro amoroso deve ser como laços, como analisa Cardella (2009), formados a partir do empenho entre os parceiros em compartilhar a vida através de uma união que promova o crescimento em conjunto e não por nós que acabam revelando o sofrimento e adoecimento do casal a partir de conflitos relacionais mal resolvidos que sufocam e aprisionam.



Chico Xavier, sabiamente, define o verdadeiro significado do compromisso estabelecido em uma relação amorosa. Segundo o médium “Compromisso é permitir que o outro entre na nossa vida. É sonhar junto sem se sentir ameaçado, marcar um horário sem se sentir controlado, dividir o espaço sem se sentir invadido. Compromisso não é “falta” de liberdade. Compromisso é o “exercício” da liberdade de estar com alguém.”.

Sem dúvida relacionar-se com o outro tem suas delícias e desafios, mas o mais importante é que se os parceiros estiverem dispostos a vivenciarem os bons momentos e ultrapassarem os obstáculos que dificultam o fluir da relação, o amor simplesmente acontece.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu da concepção de que o ser humano por apresentar o caráter relacional inerente à sua existência, naturalmente será despertado em si o desejo de se relacionar e, possivelmente, de se sentir realizado afetivamente através do compartilhamento existencial com o outro. A presença de relações significativas na vida é fundamental, já que nos auxiliam no desenvolvimento de nossas potencialidades, no reconhecimento de nossas limitações e no estabelecimento de um sentido de vida. A representação desse crescimento em conjunto é expressa a partir do desenvolvimento e amadurecimento da intimidade na relação.

Tendo como principal finalidade investigar e compreender como se configuram os relacionamentos amorosos atuais influenciados pela contemporaneidade, observou-se que na sociedade líquido-moderna as transformações ocorrem em um curto espaço de tempo, em que a fluidez acelera o ritmo de vida de maneira que as relações interpessoais, os estilos de vida, os hábitos e as crenças se alteram antes mesmo de se consolidarem. Trata-se, portanto, de viver na incerteza, na indiferença e no desprendimento, em que a obsolescência se torna a finalidade dos produtos e processos da vida, já que tudo é criado para ser descartado, nada foi feito para durar (BAUMAN, 2007).

O efêmero se instaura nas relações a partir do momento que a lógica mercantilista é absolvida nos relacionamentos, isto é, a relação com o outro é vivenciada de forma objetiva, a partir da atitude Eu-Isso, em que o outro é visto como meio e não um fim em si mesmo. As relações assumem um caráter utilitarista, no qual o outro serve para satisfazer suas necessidades, desfazendo-se dele assim que não for mais útil. O fenômeno “ficar” se destaca como uma das inovações relacionais da contemporaneidade, tipo de relacionamento definido pela alta rotatividade de parceiros, curta durabilidade e baixo grau de comprometimento, de maneira a serem vínculos marcados pela quantidade e não pela qualidade.

Cardella (2009) assinala que os encontros episódicos fundados no prazer individual são comuns, representando uma maneira de amadurecimento afetivo e sexual a partir do contato diverso. Entretanto podem se tornar problemáticos quando o indivíduo não consegue encontrar outra forma de se relacionar, isto é, cristaliza-se nessa forma de aproximação se fechando para a possibilidade de uma união mais profunda e complexa.

Nessa perspectiva, houve, também, uma revolução na maneira como os indivíduos decidem encontrar um parceiro, seja para um relacionamento sério ou sem compromisso. A internet como um todo mudou a vida afetiva e sexual das pessoas, através da criação dos aplicativos e sites de relacionamento. Certamente a tecnologia propiciou uma forma rápida e ágil de nos conectarmos a inúmeras pessoas, de maneira a nos aproximarmos de quem está longe e, assim, diminuir o sentimento de solidão. Entretanto esse desejo em se unir ao outro vem junto com o maior atrativo da sociedade líquida, a facilidade em desconectar-se do outro assim que a relação causar algum custo à liberdade individual ou insatisfação quanto às expectativas projetadas.

Este ato de indiferença que desvaloriza o outro pode ocasionar o sentimento de solidão como demonstra o estudo de Hunt e outros (2018). No estudo experimental, realizado nos EUA, as autoras limitaram um grupo de pessoas a utilizarem as mídias sociais por 30 minutos por dia. Após três semanas observaram que os participantes apresentavam redução significativa nos níveis de depressão e solidão, em particular. Observa-se que ironicamente o estudo demonstra que a redução do uso de redes sociais, instrumento que teoricamente permite o contato com um maior número de pessoas, faz com que você se sinta menos solitário e mais conectado com outras pessoas. Desta forma, a tecnologia pode ser nossa aliada à medida que a utilizamos com consciência e como alternativa de se conectar ao outro, mas não como substituto da interação presencial.

A transformação na intimidade e nos relacionamentos contemporâneos diz respeito, também, ao movimento feminista e a revolução sexual. Tais movimentos sociais da década de 1960 estabeleceram novos padrões de igualdade de gênero nos relacionamentos, modificando a compreensão do papel da estrutura familiar e do lugar que a mulher ocupava na sociedade moderna, além de conceder autonomia sexual feminina, fazendo da sexualidade uma “propriedade” potencial do indivíduo.

Pode-se constatar que a sociedade atual elimina o outro, vê a alteridade como uma ameaça ao seu ser e não como uma possibilidade de crescimento, de contato. Esta sociedade acaba ocasionando o afastamento e o isolamento dos indivíduos. As relações contemporâneas não valorizam a existencial do outro, sendo assim os vínculos são frouxos e os compromissos vazios. O efêmero orienta as relações estimulando o descarte das relações.

Diante do cenário, de uma cultura que exalta valores inconstantes, a individualidade como alta máxima, o hedonismo e o descaso com o futuro, surge o questionamento: Será possível escapar da atual realidade volátil e não se tornar fruto dessa fluidez? Bauman (2007)

afirma que não há saída, todos que estão inseridos na sociedade líquido-moderna dominarão, em grau variado, a arte da vida líquida, visto que “[...] participar do jogo não é uma escolha, mas [...] também não têm a opção de ficar de fora.” (BAUMAN, 2007, p.11). A chave é possuir sem ser, totalmente, possuído.

Por mais que a liquidez da modernidade tenha impactado radicalmente a vida do homem, principalmente no que é relativo aos relacionamentos afetivos, é importante salientar que a fluidez da vida líquida e todas as lutas advindas dos movimentos sociais possibilitaram outras formas de parcerias humanas para vivenciar o amor e alcançar a intimidade. Os relacionamentos contemporâneos são formados pela união de pessoas que demonstram afeto entre si, ou seja, o vínculo amoroso não é mais ditado por normas sociais patriarcais que obrigam a constituição de um relacionamento e sua manutenção a partir de acordos perante o interesse de outros (CARDELLA, 2009).

Para finalizar, é preciso compreender que o outro é essencial na nossa vida, já que nos constituímos na relação. E para isso há a necessidade de modificar os valores vigentes em nossa cultura para que seja possível o movimento de se aproximar da alteridade com curiosidade e respeito, nos abrindo para o mistério, possibilitando a criação de vínculos significativos. De modo que não sejam criados nós que empobrecem, entristecem e aprisionem, mas que sejam laços bem estabelecidos a medida que propiciem o crescimento dos envolvidos rumo a intimidade.

Espera-se, portanto, que a partir deste trabalho tenha sido possível vislumbrar a realidade na qual estamos inseridos, de modo a compreender melhor quais são as possibilidades afetivas contemporâneas a partir das transformações históricas que propiciaram a fragilidade das relações afetivas, além de trazer uma perspectiva positiva para a constituição de vínculos amorosos sustentáveis e saudáveis.

Gostaria de encerrar a partir de uma reflexão de Cardella (2009, p.36) frente à realidade vigente:

Talvez um dos grandes desafios nos dias atuais seja justamente ultrapassar e transcender pressões coletivas e culturais para afirmar a possibilidade de relações pautadas na ética humana, seja no campo político, social, econômico, religioso ou psicológico. (CARDELLA, 2009, p. 36).

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **A construção do psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica**. 1ª Ed. São Paulo: Summus, 2002.

\_\_\_\_\_. **Laços e nós: amor e intimidade nas relações humanas**. São Paulo: Ágora, 2009.

\_\_\_\_\_. Relação, atitude e dimensão ética do encontro terapêutico na clínica gestáltica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. p. 55-82.

CARDOSO, C. L. A face existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 59-75.

CHAGAS, E. Psicoterapia dialógica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs). **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. p. 11-26.

CHAUÍ, M. S. Husserl, vida e obra. In: **Husserl**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DONNE, John; CYRINO, Fábio. **Meditações**. Ed. Bilíngue. São Paulo: Landmark, 2007.

FELDMAN, Clara. **Encontro**: uma abordagem humanista. Belo Horizonte: Crescer, 2004.

FUKUMITSU, K. O método fenomenológico em pesquisa gestáltica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 34-58.

GASPAR, Yuri Elias; MAHFOUD, Miguel. Contribuições da Fenomenologia de Husserl e Stein para a compreensão do encontro inter-religioso. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA EXISTENCIAL E IV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA EXISTENCIAL: Fenomenologia e Psicologia, 2014, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: FEAD, 2014.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 1993.

\_\_\_\_\_ **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIOVANETTI, José Paulo. A clínica antropológica e a psicoterapia existencial de E. Gendlin. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA EXISTENCIAL E IV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA EXISTENCIAL: Fenomenologia e Psicologia, 2014, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: FEAD, 2014.

\_\_\_\_\_ A fixação negativa da afetividade. In: I CONGRESSO MINEIRO DE GESTALT-TERAPIA: A prática clínica na contemporaneidade, 2017, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG, 2017b.

\_\_\_\_\_ Afetividade e Existência. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA EXISTENCIAL E V CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA EXISTENCIAL, 2015, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: FEAD, 2015.

\_\_\_\_\_ Fenomenologia e prática clínica. In: GIOVANETTI, J. P. (Org.) **Fenomenologia e psicologia clínica**. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2018. p.11-32.

\_\_\_\_\_. O adoecimento existencial no século XXI. In: CARDOSO, C. L.; GIOVANETTI, J. P. (Org.). **Sofrimento humano e cuidado terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã, 2019. p. 47-74.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia fenomenológico-existencial: fundamentos filosófico-antropológicos**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017a.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo: Parte I**. 8ª Ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

HUNT, Melissa G.; MARX, Rachel; LIPSON, Courtney; YOUNG, Jordyn. No more fomo: limiting social media decreases loneliness and depression. **Journal of Social and Clinical Psychology**, University of Pennsylvania, Vol. 37, No. 10, pp. 751-768, 2018.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

**Into the wild**. Direção: Sean Penn. Produção: USA: Paramount Vantage, 2007. DVD (148 min.)

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MENDONÇA, M. M. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 76-98.

POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. São Paulo: EDUC, 2004.

ROGERS, Carl Ransom. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.

SAPIENZA, Bilê Tatit. **Do desabrigo à confiança: daseinsanalyse e terapia**. São Paulo: Escuta, 2007.

VAZ, Henrique Claudio Lima. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_ **Antropologia Filosófica II.** São Paulo: Loyola, 1992.

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness:** ensaios em Gestalt-terapia. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 1995.

ZANELLA, Rosana. **A clínica gestáltica com adolescentes:** caminhos clínicos e institucionais. São Paulo: Summus, 2013.